



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS II
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

REGINA COELI ELIAS RODRIGUES

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE
AMEBÍASE POR MORADORES DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO,
AREIA-PB**

**LAGOA SECA - PB
2024**

REGINA COELI ELIAS RODRIGUES

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE
AMEBÍASE POR MORADORES DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO,
AREIA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do Curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Agroecologia.

Área de concentração: Etnobotânica

Orientador: Profa. Dra. Camila Firmino de Azevedo

**LAGOA SECA - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696u Rodrigues, Regina Coeli Elias.
Uso de plantas medicinais no tratamento e prevenção de amebíase por moradores do assentamento Celso Furtado, Areia-PB. [manuscrito] / Regina Coeli Elias Rodrigues. - 2024.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agroecologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Camila Firmino de Azevedo ,
Coordenação do Curso de Agroecologia - CCAA. "

1. Doença parasitária. 2. , Entamoeba histolytica. 3.
Pesquisa Etnobotânica. I. Título

21. ed. CDD 581.634

REGINA COELI ELIAS RODRIGUES

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE
AMEBÍASE POR MORADORES DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO,
AREIA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do Curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Agroecologia.

Área de concentração: Etnobotânica

Aprovada em: 19/06/24.

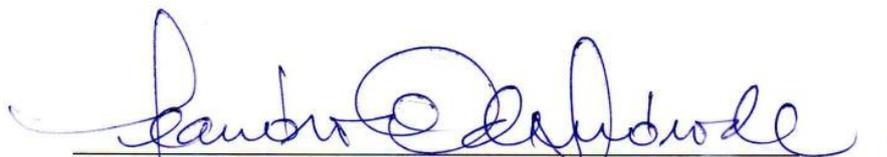
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Camila Firmino de Azevedo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Fábio Agra de Medeiros Nápoles
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leandro Oliveira de Andrade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, familiares e amigos, dedico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 METODOLOGIA.....	9
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
3.1 Pesquisa etnobotânica.....	11
3.2 Ações de retorno à comunidade.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE AMEBÍASE POR MORADORES DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO, AREIA-PB

Regina Coeli Elias Rodrigues

RESUMO

Amebíase é uma infecção parasitária causada pelo protozoário *Entamoeba histolytica*, que pode ocorrer de forma sintomática ou assintomática. Estudos sobre a prevalência de *E. histolytica* em populações de baixa renda no Brasil mostram que as regiões Norte e Nordeste possuem os maiores índices de internações, devido às condições socioeconômicas precárias, quando comparadas aos estados do Sudeste e Sul. Considerando a faixa etária, os grupos de maior risco são crianças, idosos, gestantes e indivíduos com comorbidades. Na Paraíba, há relatos da incidência de amebíase nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos. Devido às tradições populares na região do Nordeste Brasileiro serem bastante expressivas, principalmente com relação ao uso de plantas medicinais no tratamento e prevenção de doenças incluindo as parasitoses intestinais, são consideradas como uma fonte primordial na elaboração de remédios e no consumo alimentício, tornando-se uma prática generalizada na medicina popular sendo amplamente utilizadas por grande parte da população mundial como uma fonte terapêutica de bastante eficácia. Com isso, o objetivo deste trabalho foi investigar o uso de plantas medicinais utilizadas no tratamento e prevenção de amebíase pelos moradores do assentamento Celso Furtado, localizado no município de Areia – PB. As entrevistas foram realizadas de forma presencial nas residências dos entrevistados entre os meses de abril e maio de 2023, sendo entrevistados um membro de cada família. Após a obtenção da autorização por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi realizada a aplicação de um questionário semiestruturado com 26 perguntas abertas e fechadas, dentro dos seguintes aspectos: dados pessoais, informações sobre as plantas medicinais utilizadas no tratamento e prevenção de amebíase, modo de preparo, frequência de utilização, formas de aquisição, partes utilizadas, dentre outras questões relacionadas. Para a avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento e prevenção da amebíase foram entrevistadas 20 famílias do assentamento Celso Furtado, em Areia – PB. Dentre os representantes 13 eram mulheres e 7 eram homens com idade mínima de 20 a maiores de 60 anos. Sobre a utilização de plantas no tratamento de amebíase, duas plantas se sobressaíram com relação as demais no decorrer da pesquisa, a hortelã-da-folha-miúda (*Mentha piperita*) e o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), perfazendo um número de citações elevados em comparação com as outras espécies. Dentro desse contexto, percebe-se que o reconhecimento da potencialidade medicinal das plantas e o conhecimento popular são de grande relevância para o surgimento de futuros estudos etnobotânicos. Como uma forma de estimular o uso de plantas medicinais e agradecer à comunidade pela participação na pesquisa, foi realizado um retorno à comunidade atendendo ao resultado positivo sobre o interesse dos moradores em receber informações a respeito do uso seguro e racional das plantas medicinais, onde foi entregue uma cartilha e um kit contendo um recipiente plástico com açafraão em pó.

Palavras-chave: Doença parasitária, *Entamoeba histolytica*, Pesquisa Etnobotânica.

USE OF MEDICINAL PLANTS IN THE TREATMENT AND PREVENTION OF AMEBIASIS BY RESIDENTS OF THE CELSO FURTADO SETTLEMENT, AREIA – PB

ABSTRACT

Amoebiasis is a parasitic infection caused by the protozoan *Entamoeba histolytica*, which can occur in symptomatic or asymptomatic forms. Studies on the prevalence of *E. histolytica* in low-income populations in Brazil show that the North and Northeast regions have the highest rates of hospitalizations due to precarious socioeconomic conditions compared to the states in the Southeast and South. Considering age groups, the highest risk groups are children, the elderly, pregnant women, and individuals with comorbidities. In Paraíba, there are reports of amoebiasis incidence in the cities of João Pessoa, Campina Grande, and Patos. Due to the expressive popular traditions in the Northeastern region of Brazil, especially regarding the use of medicinal plants in the treatment and prevention of diseases, including intestinal parasitoses, they are considered a primary source in the preparation of remedies and food consumption. This practice has become widespread in popular medicine and is extensively used by a large part of the world population as an effective therapeutic source. Thus, the aim of this study was to investigate the use of medicinal plants for the treatment and prevention of amoebiasis by residents of the Celso Furtado settlement, located in the municipality of Areia - PB. The methodological process involved interviews conducted in person at the interviewees' homes between April and May 2023, with one member from each family being interviewed. After obtaining authorization through a Free and Informed Consent Form (IC), a semi-structured questionnaire with 26 open and closed questions was applied, covering the following aspects: personal data, information about the medicinal plants used in the treatment and prevention of amoebiasis, preparation methods, frequency of use, forms of acquisition, parts used, among other related issues. To evaluate the use of medicinal plants in the treatment and prevention of amoebiasis, 20 families from the Celso Furtado settlement in Areia - PB were interviewed. Among the representatives, 13 were women and 7 were men, aged from 20 to over 60 years. Regarding the use of plants in the treatment of amoebiasis, two plants stood out compared to the others during the research: peppermint (*Mentha piperita*) and wormseed (*Chenopodium ambrosioides*), having a high number of citations compared to other species. In this context, it is evident that recognizing the medicinal potential of plants and popular knowledge is of great relevance for the emergence of future ethnobotanical studies. As a way to encourage the use of medicinal plants and to thank the community for their participation in the research, a return visit was made to the community. This visit was in response to the positive interest shown by residents in receiving information about the safe and rational use of medicinal plants. During this visit, a booklet and a kit containing a plastic container with turmeric powder were distributed.

Keywords: Parasitic disease, *Entamoeba histolytica*, Ethnobotanical research.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais com base na tradição familiar tornou-se prática generalizada na medicina popular (CRF-SP, 2012). São consideradas uma fonte primordial não só para utilização como remédios, mas também para o consumo alimentício de pessoas que buscam por uma vida saudável no mundo todo. Tem como base o conhecimento tradicional,

que é repassado ao longo dos anos, geralmente pelas pessoas mais idosas, e estão disponíveis para serem utilizadas na alimentação, ajudando a combater os efeitos da água e do ar contaminado pelos agrotóxicos, presentes nos alimentos e no estilo de vida estressante e desordenado (Lameira et al., 2008; Balbinot et al., 2013; Messias et al., 2015).

Na região do Nordeste Brasileiro, as tradições populares são bastante expressivas, principalmente com relação ao uso de plantas medicinais no tratamento e prevenção de doenças, como as que são causadas por parasitoses intestinais, como amebíase e giardíase (Visser et al., 2011; Souza e Silva, 2013; Edrissian et al., 2016; Diniz et al., 2020).

Amebíase é uma infecção parasitária causada pelo protozoário *Entamoeba histolytica*, que pode ocorrer de forma sintomática ou assintomática (Cordeiro e Macedo, 2007). Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 45 milhões de indivíduos são afetados pela doença, dos quais 100 mil vão a óbito anualmente (Souza et al., 2019).

Estudos sobre a prevalência de *E. histolytica* em populações de baixa renda no Brasil mostram que as regiões Norte e Nordeste possuem os maiores índices de internações, devido às condições socioeconômicas precárias, quando comparadas aos estados do Sudeste e Sul (Pinheiro, 2003; Cordeiro e Macedo, 2007; Souza et al., 2019). Considerando a faixa etária, os grupos de maior risco são crianças, idosos, gestantes e indivíduos com comorbidades. Dentre os órgãos acometidos pelo parasita, estão o cólon, causando principalmente colite e disenteria, mas também pode afetar outros órgãos, como fígado e pulmões (Souza et al., 2019). Na Paraíba autores como Cavalcante et al. (2019), Medeiros (2014) e Almeida, Silva e Medeiros (2014), já relataram a incidência de amebíase nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

Os fármacos desenvolvidos para tratamento dessa doença, apesar de apresentarem eficácia, não foram suficientes para fazer com que grande parte da população abdicasse da medicina tradicional, principalmente as que vivem sob condições socioeconômicas limitadas. Dessa forma, o conhecimento repassado ao longo dos anos sobre o uso de plantas medicinais para o tratamento de parasitoses mostrou ser ainda uma realidade (Melo et al., 2017).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 85% da população dos países em desenvolvimento usam as plantas medicinais ou preparações destas nos cuidados básicos com a saúde (Machado et al., 2014). Com isso, as formas mais simples de tratamento, até as formas mais sofisticadas de fabricação têm evoluído ao longo dos tempos (Lorenzi e Matos, 2021). Atualmente, muitos fatores têm contribuído para o aumento da utilização de plantas medicinais, dentre eles têm-se os efeitos colaterais decorrentes do uso crônico dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica de qualidade,

problemas financeiros e a tendência ao uso da medicina integrativa e abordagens holísticas dos conceitos de saúde e bem-estar (CRF-SP, 2012).

No Brasil, o uso de plantas medicinais está relacionado com a colaboração dos indígenas, africanos e europeus. Os povos originários utilizavam ervas em seus rituais de cura para tratamento de enfermidades antes da colonização e transmitiam seus conhecimentos por várias gerações. Além da utilização das plantas medicinais como fitoterápicos, inúmeras pesquisas realizadas são baseadas no conhecimento etnobotânico dos mesmos, o que propicia a descoberta de novos compostos bioativos, ou seja, medicamentos fitoterápicos que quando bem estudados, expressam possibilidades reais no combate de doenças, inclusive as parasitoses (Oliveira et al., 2014). Países como China, Índia, Egito e Grécia também são exemplos da utilização de plantas medicinais para os mesmos fins, ajudando a traçar a história do uso das ervas baseados no conhecimento tradicional, através de relatos escritos (CRF-SP, 2012).

O uso de espécies vegetais para fins de tratamento e cura de doenças, se perpetuou na história da civilização humana e chegou até os dias atuais, sendo amplamente utilizada por grande parte da população mundial como uma fonte terapêutica de bastante eficácia (Queiroz, 1986; Fontes, Coelho e Gomes, 2007). Existem alguns estudos que comprovam a eficácia terapêutica de muitas plantas medicinais utilizadas não só para tratamento, mas também para a prevenção de doenças. Porém, são necessários estudos toxicológicos para garantir o uso dessas espécies vegetais, pois apesar de apresentarem inúmeros benefícios, as plantas são compostas por muitas substâncias químicas, podendo algumas delas ter efeitos prejudiciais para a saúde (Bochner et al., 2012; Costa et al., 2012; Guedes et al., 2012).

Dessa forma, estudos etnobotânicos têm sido realizados com o objetivo de buscar o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional, principalmente relacionado ao uso dos recursos da flora (Guarim Neto e Moraes, 2003). Considerada como uma opção viável e disponível, as plantas medicinais tornaram-se uma fonte de medicamento natural, eficiente, de baixo custo e baixa toxicidade para grande parte da população (Belizário e Silva, 2012; Leite e Oliveira, 2012; Balbinot et al., 2014). Portanto, pesquisas etnobotânicas justificam-se pelo fato de resgatar, valorizar e documentar a sabedoria popular local sobre o uso das plantas, demonstrando a sua relevância e contribuindo com a utilização responsável e manutenção dos recursos naturais, impedindo também que as ações humanas sejam prejudiciais para o equilíbrio ecológico (Giraldi e Hanazaki, 2010; Pasa, 2011).

Frente a essa discussão, o objetivo deste trabalho foi investigar o uso de plantas medicinais utilizados no tratamento e prevenção de amebíase pelos moradores do assentamento Celso Furtado, localizado no município de Areia – PB, por ser um dos problemas de saúde que

mais acomete a população do assentamento devido à falta de acesso a água potável, saneamento básico, coleta de lixo entre outros problemas.

3 METODOLOGIA

O assentamento Celso Furtado, fica localizado no Sítio Lagoa de Barro, na zona rural da cidade de Areia – PB, Brasil. A área do assentamento localiza-se entre os municípios de Areia e Arara, localizado no Estado da Paraíba e apresenta uma área de 429,14 ha limitando-se com os municípios de Remígio, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Alagoinha, Pilões, Serraria, Solânea, Casserengue e Algodão de Jandaíra (AESA, 2011). De acordo com a classificação de Köppen o clima da área de estudo é considerado tropical, quente e úmido com chuvas de outono a inverno (Francisco, 2010). A distribuição da precipitação pluviométrica ocorre de forma irregular e com grande variação durante todo o ano com uma média de 700 a 1.200 mm (Francisco et al., 2015). A área do assentamento encontra-se inserido no Agreste Paraibano na zona fisiográfica do Brejo, na unidade geomorfológica denominada Planalto da Borborema de formas tabulares, sendo uma área de transição para regiões mais secas do interior do Planalto. A altitude varia de 500 a 750 m e os solos predominantes na área são os neossolos regolíticos distróficos, polarizada pela cidade de Esperança, onde até pouco tempo era conhecida pelo cultivo da batatinha, hoje feijão e erva doce. Na área mais seca ao norte, ocorrem os neossolos regolíticos eutróficos e os luvisolos crômico litólico, área polarizada pela cidade de Arara, grande produtora de feijão, milho e fava (Francisco, 2010).

A pesquisa etnobotânica foi realizada com a finalidade de reunir informações sobre o tratamento e prevenção de amebíase com plantas medicinais baseadas no conhecimento dos moradores. Considerando os critérios de inclusão, participaram da pesquisa pessoas que utilizavam plantas medicinais independente da finalidade do uso, pessoas que possuíssem idade igual ou superior a 18 anos e com capacidade cognitiva para participar da pesquisa através de um questionário. Com o apoio de uma liderança local, foi identificado que existiam um total de 25 famílias residentes no assentamento, sendo entrevistados representantes de 20 famílias.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial nas residências dos entrevistados entre os meses de abril e maio de 2023, sendo entrevistados um membro de cada família. O processo metodológico seguido foi o mesmo que apresentado e realizado por Silva e Santos (2022), no qual a princípio o projeto foi inicialmente apresentado aos membros da comunidade para a obtenção da autorização para a realização da entrevista, por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1), que foi assinado pelos moradores

participantes. Em seguida, foi realizada a aplicação de um questionário semiestruturado (Quadro 1) com 26 perguntas abertas e fechadas, sobre a utilização de plantas medicinais no tratamento e prevenção de amebíase, seguindo os seguintes aspectos: dados pessoais e informações sobre as plantas medicinais utilizadas, modo de preparo, frequência de utilização, formas de aquisição, partes utilizadas, dentre outros.

A pesquisa etnobotânica teve caráter quantitativo e qualitativo e os dados obtidos foram computados e tabulados através do software editor de planilhas Excel, realizados por meio de gráficos, sendo os dados analisados descritivamente. Tais dados forneceram informações importantes que foram utilizados para o planejamento de ações de retorno à comunidade.

Quadro 1: Questionário semiestruturado sobre o uso de plantas medicinais para o tratamento e prevenção de amebíase por moradores do Assentamento Celso Furtado, Areia – PB.

QUESTIONÁRIO – USO DE PLANTAS MEDICINAIS PARA O TRATAMENTO DE AMEBÍASE	
1 - INFORMAÇÕES GERAIS	
1.1 - Entrevistador:	1.2 - Data da Entrevista:
2 - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO	
2.1 – Ocupação:	2.2 - Idade:
2.3 - Sexo: F (), M (), Outro ():	
2.4 - Estado Civil: Solteiro(a) (), Casado(a) (), Viúvo (a), () Divorciado(a) (), Outros ():	
2.5 - Escolaridade: () Analfabeto; () Ensino Fundamental Incompleto; () Ensino Fundamental Completo; () Ensino Médio Incompleto; () Ensino Médio Completo; () Nível Superior Incompleto; () Nível superior Completo; () Outro:	
2.6 - Quantas pessoas moram na casa? 1 a 5 (), 5 a 10 (), mais de 10 ():	
2.7 - Quantas crianças com idade entre 0 a 12 anos? Nenhuma (), 1 a 5 (), 5 a 10 ()	
2.8 - Quantos idosos com idade a partir de 65 anos? Nenhum (), 1 a 5 (), 5 a 10 ():	
3 – CARACTERIZAÇÃO SOBRE O CONHECIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS	
3.1 Você já utilizou ou utiliza plantas medicinais para o tratamento de doenças? Sim, () Não ():	
3.2- Com quem você aprendeu a utilizar plantas medicinais?	
3.3- Com qual idade você começou a ter contato com as plantas medicinais	
3.4- Você se recorda das primeiras plantas medicinais que você fez uso e para qual doença? Sim (), Não (). Quais?	
4 - CARACTERIZAÇÃO DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE AMEBÍASE	
4.1 – Você já teve amebíase ou conhece alguém que teve? Sim (), Não ():	
4.2 - Você conhece alguma planta medicinal utilizada na prevenção da amebíase? Sim (), Não ():	
4.3 – Utilizou alguma planta medicinal para o tratamento de amebíase? Sim (), Não (). Quais?	

4.4 - De qual forma você utiliza as plantas para tratamento da amebíase? Chá (), suco (), sumo (), uso tópico (), na comida (), cápsulas (), garrafada (), outros ():
4.5 - Quais as partes da planta que você utilizou ou utiliza para fazer os medicamentos à base de plantas? Folhas (), Raízes (), Caule (), Casca do Caule (), Flores (), Frutos (), Sementes (), Resina (), Látex (), Leite da Planta (), Outros ():
4.6 – Como você utiliza as partes citadas acima? (Descrever a forma de preparo).
4.7 – Qual a frequência de uso desse remédio a base de plantas? Usa apenas quando a pessoa apresenta sintomas () Faz uso periódico ()
4.8 - Quantas vezes ao dia você fez ou fazia a ingestão desse remédio a base de plantas? 1 (), 2 (), 3 (), 4 ou mais ():
4.9 – Você considera que houve alteração no estado de saúde? Sim (), Não (). Melhorou (), Piorou ():
4.10 - Com quanto tempo de uso do remédio a base de plantas você observou melhoras nos sintomas?
4.11 – Você cultiva alguma planta medicinal utilizada no tratamento e prevenção da amebíase? Sim (), Não (). Quais?
4.12 - De que forma você adquire essas plantas? Feira (), Horta Caseira (), Horta Comunitária (), Supermercado (), Família (), Amigos (), Vizinhos (), Mata (), Farmácia (), Outros ():
4.13 - Já indicou as plantas que faz uso para outras pessoas? Sim (), Não ():
4.14 – Gostaria de receber informações sobre o uso de plantas para o tratamento da ameba? Sim (), Não ():

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Pesquisa etnobotânica

Para a avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento e prevenção da amebíase foram entrevistadas 20 famílias do assentamento Celso Furtado, em Areia – PB. Dentre os quais 13 eram mulheres e 7 eram homens. Com relação à faixa etária, 14 entrevistados tinham idade entre 20 e 50 anos, enquanto que 6 eram maiores de 60 anos. Desses, 9 não possuíam escolaridade e os que possuíam estavam distribuídos da seguinte forma: 4 com ensino fundamental incompleto, 1 com médio incompleto, 4 com médio completo, 1 com superior incompleto e 1 com superior completo.

Ao serem questionados se já haviam utilizado alguma planta medicinal para tratar algum problema de saúde, todos os entrevistados responderam que sim. Desses, 7 afirmaram ter aprendido com os pais, 6 com os avós, 3 por meio de pesquisas na internet e 4 com outras pessoas. Isso mostra que o saber popular continua sendo primordial na disseminação do conhecimento sobre o uso de espécies vegetais no tratamento e prevenção de enfermidades. O

mesmo tem sido afirmado pelos autores Toledo e Bassols (2009), Borges e Moreira, (2016) e Melo et al. (2017).

Dentre as plantas citadas pelos entrevistados para o tratamento de enfermidades, o mastruz, foi a mais indicada com um total de 4 citações (Tabela 1), para tratar desconfortos respiratórios, gripe, dores de barriga e gastrite.

Tabela 1: Relação das plantas utilizadas no tratamento de diferentes enfermidades citadas pelas famílias do assentamento Celso Furtado, Areia – PB.

Nome popular	Nome científico	Indicação popular	Indicação na literatura	Nº de citações
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Dor de barriga, gastrite, puxar catarro do peito.	Antimicrobiano, antirreumático (Baracuhy et al., 2016).	4
Louro	<i>Laurus nobilis aurea</i>	Gripe; dor de barriga; limpar gordura no fígado	Digestivo, (Almeida, 2011)	2
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i>	Febre	Analgésica, antitérmica e anti-hipertensiva (Rodrigues, 2022)	1
Fedegoso	<i>Senna macranthera</i>	Gripe	Laxante, anti-inflamatório e antibacteriano (Nogueira, 2009)	1
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Dor de ouvido	Analgésico e vermícida (Embrapa, 2001)	1
Romã	<i>Punica granatum</i>	Garanta; gastrite e inflamação	Antibacteriana e anti-inflamatória (Werkman et al., 2008).	2
Olho da Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Lavar Ferimentos	Antidiarreica e anti-inflamatória (Baracuhy et al., 2016)	1
Casca de aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Lavar ferimentos	Cicatrizante, antialérgica, anti-inflamatória e (Baracuhy et al., 2016).	1
Malva-rosa	<i>Melochia tomentosa</i>	Tosse e gripe	Antiviral e antioxidante (Acácio et al., 2018).	1
Cajueiro roxo	<i>Anacardium occidentale</i>	Afinar o sangue	Antisséptico, anti-inflamatório, cicatrizante, adstringente, vermícida (Santos; Barboza e Cavalcanti, 2022)	1
Boldo-do-Chile	<i>Peumus boldus</i> Molina	Dor de barriga	Estimula o bom funcionamento da vesícula biliar (Brasil, 2016)	2
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	Gripe	Sedativo e espasmolítico (Baracuhy et al., 2016).	1
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Limpar a garganta	Antiemético (Brasil, 2016)	1
Limão	<i>Citrus limon</i>	Tosse	Antimicrobiano e antioxidante (Everton et al., 2018)	1
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham	Tosse	Anti-inflamatório, diurético, cicatrizante e antisséptico (Baracuhy et al., 2016).	1

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

De acordo com Baracuchy et al. (2016), as folhas de *Chenopodium ambrosioides* podem ser utilizadas no tratamento de doenças pulmonares e estomacais. Possui ação antimicrobiana e ajuda no combate a verminoses, além de ser antirreumática. O louro (*Laurus nobilis aurea*), mencionado pelos entrevistados como indicado no tratamento de gripe, dor de barriga e gordura no fígado, pode ser utilizado no tratamento de gases intestinais e estomacais melhorando a digestão, além de possuir propriedades antimicrobianas (Almeida, 2011). A colônia (*Alpinia zerumbet*), utilizada pelos entrevistados para aliviar os desconfortos causados pela febre, é apontado nos estudos de Rodrigues (2022) como antitérmica, anti-hipertensiva, antimicrobiana, analgésico, além de auxiliar no tratamento de tosse e atuar também como diurética. No estudo de Nogueira (2009), o fedegoso (*Senna macranthera*), é utilizado popularmente para tratamento de constipação e inflamação na garganta, podendo ser utilizado como laxante dado ao aumento da motilidade intestinal que o mesmo proporciona. Além disso, possui atividade anti-inflamatória, antioxidante e grande potencial antibacteriano.

A arruda (*Ruta graveolens.*), citada para dor de ouvido durante as entrevistas, possui ação analgésica e pode ser utilizada no tratamento de dores nos nervos, afecções cardíacas, dos rins, da bexiga e do fígado além de antiflatulento, estimulante, anti-inflamatório, repelente e sarnicida (Embrapa, 2001). A romã, utilizada no tratamento de garganta, gastrite e inflamação pelos moradores do assentamento Celso Furtado, destaca-se como antimicrobiano e anti-inflamatório, embora possua também propriedades antifúngicas, anti-helmínticas, antioxidantes, antidiarreicas e antiviróticas (Werkman et al., 2008). A goiabeira pode ser utilizada como antidiarreica e anti-inflamatória (Baracuchy et al., 2016). Os preparados contendo boldo-do-chile (*P. boldus*) ajudam no aumento da secreção biliar e fluidificam a bile, sem alterar a sua composição, mas o uso desse fitoterápico não deve ultrapassar quatro semanas consecutivas e é contraindicado para mulheres grávidas e lactantes, sem orientação médica (Brasil, 2016).

Com relação ao gengibre (*Zingiber officinale Roscoe*), estudos apontam que a administração oral do pó do rizoma da própria planta demonstra eficácia na prevenção dos sintomas gastrointestinais da cinetose (enjoo provocado por movimentos). Os resultados desse estudo sugeriram que o gengibre age diretamente sobre o trato gastrointestinal por meio de suas propriedades aromáticas, carminativas e absorventes, através do aumento da motilidade gástrica e absorção de toxinas e ácidos (Brasil, 2016). A casca da aroeira (*Myracrodruon urundeuva F. Allemão*), planta citada no decorrer da entrevista para lavar ferimentos, é indicada para tratar gastrites, úlceras do estômago e duodeno, além de auxiliar no tratamento de hemorroidas e ferimentos da pele, possuindo propriedades anti-inflamatórias, antialérgicas, adstringentes e

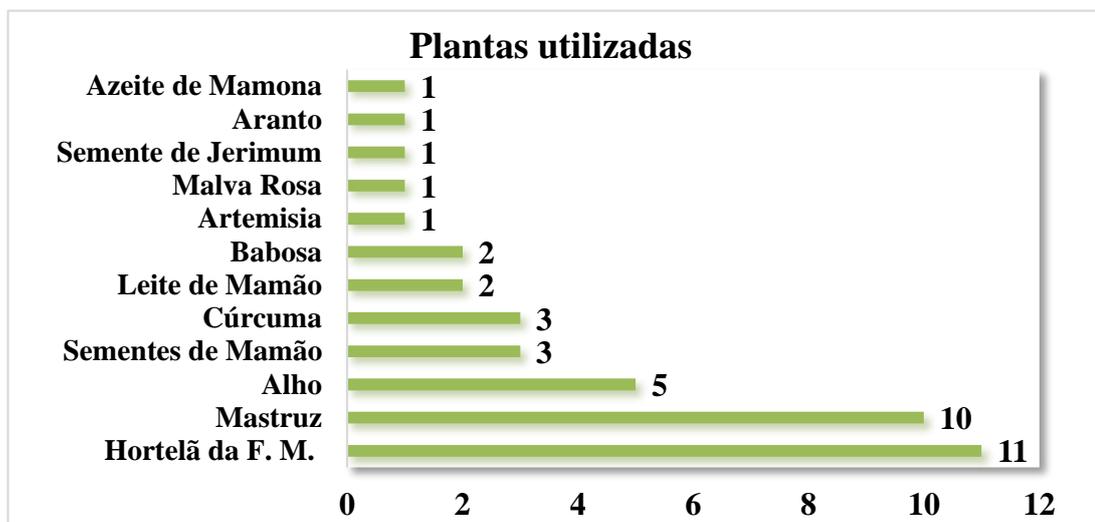
cicatrizantes (Baracuhy et al., 2016). O capim-santo (*Cymbopogon citratus*), é indicado para aliviar cólicas intestinais e uterinas e para tratamento de gripe (Baracuhy et al., 2016).

O sabugueiro (*Sambucus australis*), pode ser utilizado no combate a gripes, resfriados, anginas e sinusites, bem como artrites, cálculos renais e reumatismo, pois tem propriedades anti-inflamatórias, antissépticas, cicatrizantes, diuréticas e antipiréticas (Baracuhy et al., 2016). A malva-rosa (*Melochia tomentosa*) é uma planta medicinal nativa da Caatinga e possui metabólitos com ação antiviral, antioxidante e anticancerígeno (Acácio et al., 2018). O cajueiro-roxo (*Anacardium occidentale*) possui ação anti-inflamatória, cicatrizante, antimicrobiana, vermífida, antiespasmódica e calmante; suas cascas, entrecasas e folhas são utilizadas para produção de chás destinados ao tratamento de inflamações, infecções, ferimentos, problemas genitais, bronquites, cólicas intestinais, tosses e diarreias, dentre outros (Santos; Barboza e Cavalcanti 2022). Segundo estudo de Everton et al. (2018), tanto as folhas do limão, quanto o macerado de suas cascas e o suco *in natura*, são antioxidantes, possuem alto teor de fenóis totais, ação bactericida e atividade antimicrobiana.

Sobre os entrevistados já terem tido ou conhecerem alguém que já havia tido amebíase, conhecer alguma planta medicinal utilizada no tratamento e prevenção dessa doença e já ter feito uso das mesmas, todas as respostas foram positivas.

Quando perguntados sobre quais plantas medicinais eram utilizadas para tratamento e prevenção de amebíase, duas plantas se destacaram por terem sido as mais citadas (Figura 1).

Figura 1: Plantas medicinais utilizadas no tratamento e prevenção de amebíase pelos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia – PB.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No levantamento etnobotânico realizado por Silva e Santos (2022), as plantas mais citadas para tratamento de parasitoses intestinais no decorrer das entrevistas foram: hortelã (*Mentha spicata*) e o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*). Para Barbosa Júnior (2005), a hortelã-pimenta (*Mentha piperita*) é vermífuga e indicada no combate a vermes em crianças. Assim, como afirma Baracuhy et al. (2016), em seu livro “Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil”, que a hortelã (*Mentha x villosa*) possui indicações contra parasitoses e diarreias por infecção intestinal causada por amebíase e giardíase. Segundo a pesquisa realizada por Ribeiro et al. (2016), a planta medicinal mais citada para tratamento de parasitoses intestinais em Aracaju, Sergipe, foi a hortelã (*M. piperita*) e a erva-de-santa-maria (*C. ambrosioides*), também conhecida popularmente como mastruz. Ou seja, a hortelã (*Mentha* spp.) é classicamente utilizada para tratamento de verminoses, tendo seu efeito comprovado por vários pesquisadores como Vidal et al. (2007) e Teles et al. (2011). Por serem plantas abundantes em substâncias químicas como flavonóides e isoflavonas, apresentam efeitos eficazes sobre infecções parasitárias (Amaral et al., 2006).

Nos estudos realizado por Camargo e Scavone (1978), Panda e Luyten (2018) e Andrade et al. (2018), o enfoque das pesquisas foi descobrir quais plantas eram capazes de inibir protozoários parasitas e vermes intestinais. Dentre as plantas estudadas, a losna (*Artemisia Absinthium*) foi citada como uma das plantas que possui ação antiparasitária (Tabela 2). Porém, os resultados do estudo não foram conclusivos quanto à sua eficácia sendo necessários a realização de mais pesquisas relacionadas.

Tabela 2: Plantas medicinais utilizadas para o tratamento e prevenção de amebíase pelas famílias do assentamento Celso Furtado, Areia – PB; e seus respectivos nomes científicos, indicação popular, indicação específica na literatura e número de citações.

Nome popular	Nome científico	Indicação popular	Indicação na literatura	Nº de citações
Hortelã-da-folha-miúda	<i>Mentha x piperita</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Santos et al., 2016; Baracuhy et al., 2016).	11
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Santos et al., 2016).	10
Alho	<i>Allium sativum</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Bibi et al., 2016)	5
Semente de mamão	<i>Carica papaya</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Ribeiro et al., 2016).	3
Cúrcuma	<i>Curcuma longa</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Anti-inflamatória (Pereira et al., 2014)	3
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Santos et al., 2016)	2

Leite de mamão	<i>Carica papaya</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Anti-helmíntico (Camargo e Scavone, 1978)	2
Semente de jerimum	<i>Cucurbita moschata</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Ribeiro et al., 2016)	1
Artemísia	<i>Artemisia vulgaris</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Panda e Luyten, 2018)	1
Malva-rosa	<i>Melochia tomentosa</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antioxidante (Acácio et al., 2018)	1
Aranto	<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antioxidante (Puertas-Mejía e Gallego, 2014)	1
Azeite de mamona	<i>Ricinus communis.</i>	Amebíase, giardíase e vermes	Antiparasitária (Ribeiro et al., 2016)	1

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

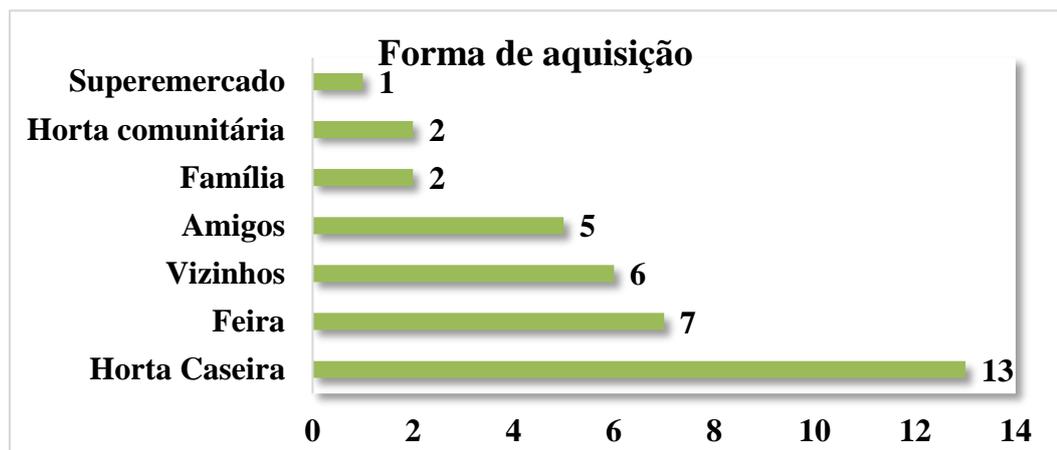
O alho (*Allium sativum*) apresenta ação contra doenças parasitárias, possibilitando melhoria dos sintomas e reduzindo a evolução da doença (Bibi et al. (2016), uma vez que possui ação anti-helmíntica (Camargo e Scavone, 1978), sendo considerado com potencial antiparasitário (Maciel et al., 2021). O mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), a hortelã-da-folha-miúda (*Mentha piperita.*) e a babosa (*Aloe vera*) são as espécies mais utilizadas na medicina tradicional com ação antiparasitária pelos índios da etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, na Bahia (Santos et al., 2016). Outros autores como Baracuhy et al. (2016), apontam que a hortelã-da-folha miúda possui ação antiparasitária causada por amebíase e giardíase, além de atuar como expectorante e ansiolítica. Já a cúrcuma é utilizada como anti-inflamatório, auxiliando nos danos causados pela ação da doença (Haddad; Sauvian e Deharo, 2011; Pereira et al., 2014; Rangel-Castañeda et al., 2019; Santos et al., 2022).

As plantas menos citadas no decorrer das entrevistas foram: alho, semente de mamão, semente de jerimum, arante, azeite de mamona, cúrcuma, babosa, artemísia e malva rosa. O mesmo, aconteceu no levantamento etnobotânico realizado por Ribeiro et al. (2016), no qual o óleo de mamona, o alho, a semente de mamão, a semente de abóbora e a losna foram menos citadas. No trabalho de Camargo e Scavone (1978), a semente de jerimum também foi relatada como anti-helmíntica. Em um levantamento de plantas medicinais utilizadas para tratar parasitoses e verminoses intestinais no município de Atalaia do Norte - AM, o mamão (*Caripa papaya*) estava dentre as espécies mais citadas por Batista et al. (2019). Para Camargo e Scavone (1978) o látex do mamão é utilizado como anti-helmíntico na medicina popular. A malva-rosa (*Melochia tomentosa*) foi citada no estudo de Acácio et al. (2018) como antiviral. Na pesquisa etnobotânica realizada por Ferreira (2020), o aranto (*Kalanchoe daigremontiana*) foi indicado pelos entrevistados para tratamento de diabetes, febre, gastrite e câncer de próstata.

Já no trabalho de Puertas-Mejía, Gallego e Arango (2014), foi realizada uma avaliação do potencial antioxidante de extratos de folhas e flores de aranto.

Com relação a aquisição das plantas medicinais, são inúmeros os lugares onde as mesmas podem ser adquiridas (Figura 2).

Figura 2: Forma de aquisição das espécies vegetais utilizadas para tratamento pelos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia – PB.

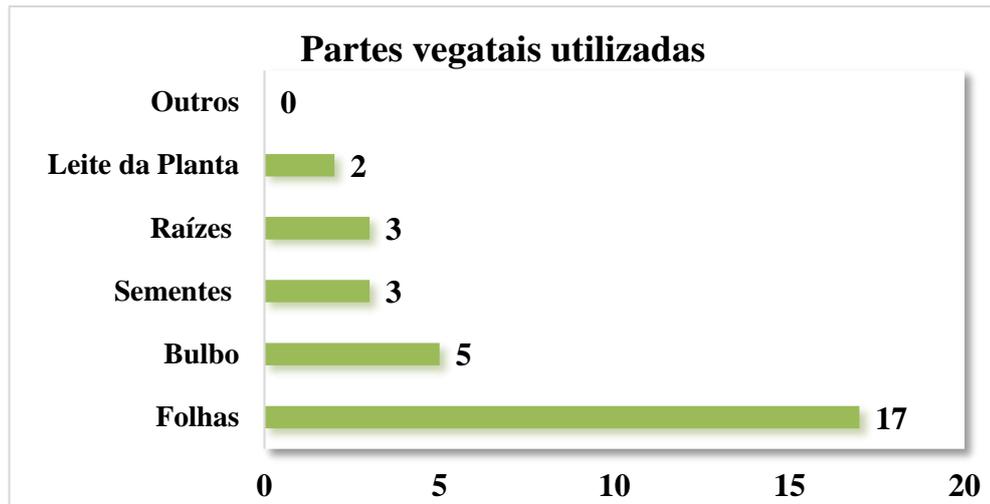


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No trabalho de Barroso et al. (2022), a forma com que os entrevistados adquiriam as espécies vegetais para tratamento de enfermidades, também resultou de horta caseira, feira e vizinhos/amigos/familiares. Assim como nas pesquisas realizadas por Ribeiro et al. (2016), que as formas de obtenção das plantas relatadas pelos entrevistados no município de Aracaju, Sergipe, obtiveram mais citações nos quintais de casa e feiras livres. O fato de a maioria das espécies normalmente não serem encontradas em um único lugar e de algumas pessoas não terem o hábito de cultivar plantas na própria residência, induz os usuários a procurarem em diferentes lugares (Braga e Silva, 2021).

Quanto às partes vegetais utilizadas na preparação dos remédios à base de plantas, veja na (Figura 3) quais foram as mais citadas.

Figura 3: Partes vegetais mais utilizadas na preparação dos remédios pelos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia - PB.

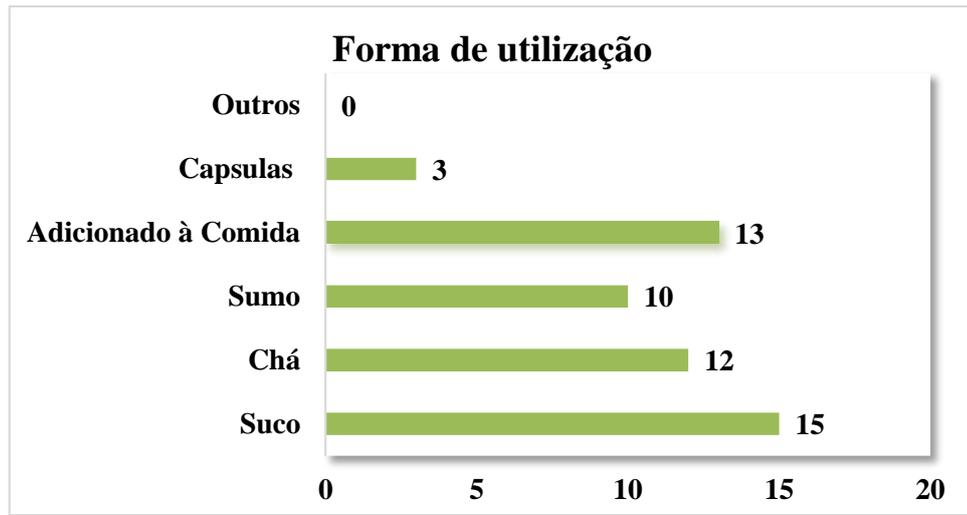


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O mesmo foi relatado nas pesquisas de Ribeiro et al. (2016), Borges e Moreira (2016), Barroso et al. (2022) e Silva e Santos (2022). Por causa da facilidade de coleta e por estar presente na planta durante a maior parte do ano, as folhas são tradicionalmente as partes mais utilizadas pela população para tratamento medicinal (Alves, Silva e Alves 2008). Referências de estudos nessa temática afirmam que a utilização das folhas é uma prática comum entre as populações devido ao seu fácil acesso e manipulação; além disso, não prejudica o desenvolvimento da planta caso a retirada da parte vegetal não seja realizada de forma excessiva, colaborando dessa forma para a conservação do recurso vegetal, tornando-o disponível na natureza por muito mais tempo (Mosca e Loiola, 2009; Belizário e Silva, 2012).

De acordo com os dados da Figura 4, nota-se que há variação conforme as diversas formas de utilização dos remédios à base de plantas, não havendo diferenças significativas entre os mais citados. Resultados semelhantes foram obtidos nas pesquisas de Ribeiro et al. (2016) e Silva e Santos (2022). Uma considerável parte dos estudos etnobotânicos demonstram que o chá é a forma mais utilizadas por grande parte da população, devido ao preparo ser mais fácil e acessível (Leite e Marinho, 2014; Jerônimo et al., 2020; Andrade et al., 2021; Barroso et al., 2022).

Figura 4: Forma de utilização dos remédios à base de plantas utilizadas pelos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia - PB.



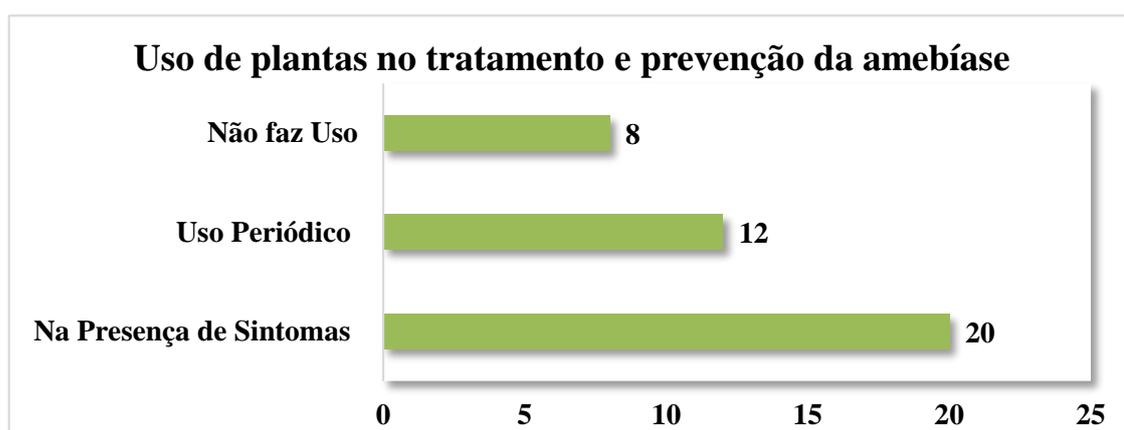
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ainda no decorrer da pesquisa, foi mencionado pelos entrevistados alguns usos de plantas medicinais com preparações realizadas para o tratamento e prevenção da amebíase, como nos exemplos a seguir. Foi mencionado o uso do mastruz e da hortelã-da-folha-miúda, no preparo de chá, suco e sumo sendo descritos da seguinte forma: no preparo do chá, as folhas são colhidas, higienizadas e colocadas na água para ferver por 5 minutos fazendo a ingestão logo em seguida; no preparo do suco, as folhas do mastruz são maceradas e o sumo é adicionado ao leite; com a hortelã-da-folha-miúda, o mesmo procedimento é realizado para a retirada do sumo sendo o mesmo, adicionado ao liquidificador junto ao manjeriço e couve sendo processados com água ou leite para fazer a ingestão em jejum; no preparo do sumo, as folhas das mesmas são maceradas para a retirada do sumo logo após, o sumo é misturado a 3 colheres de mel ou, a uma xícara de leite para ingestão imediata. Também foi mencionado, o consumo do alho cru triturado e misturado na banana amassada; e do alho cru triturado e misturado ao leite, levando-o ao fogo para ferver, com ingestão ainda morno. Em relação à cúrcuma, para prevenção da recidiva da doença, foi citado o consumo periódico das seguintes formas: uso como tempero na comida ou uma pitada da cúrcuma em pó em uma xícara de leite quente, com ingestão pela manhã em jejum e a noite antes de dormir.

Vale ressaltar que mesmo sendo espécies de fácil obtenção, não é recomendado a sua utilização de forma excessiva ou sem um direcionamento profissional, já que algumas espécies podem haver um alto nível de toxicidade. Aliar o conhecimento científico ao conhecimento empírico para dar continuidade ao uso de fitoterápicos pelo SUS é a melhor maneira e a forma mais segura para utilizar essas espécies (Silva, 2021).

Sobre a utilização dos remédios à base de plantas, o uso na presença de sintomas era feito com a finalidade de tratar os sintomas da doença, enquanto que o uso periódico era realizado após o término do tratamento com o intuito de prevenir a recidiva da mesma (Figura 5).

Figura 5: Uso de plantas no tratamento e prevenção da amebíase, por parte dos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia - PB.

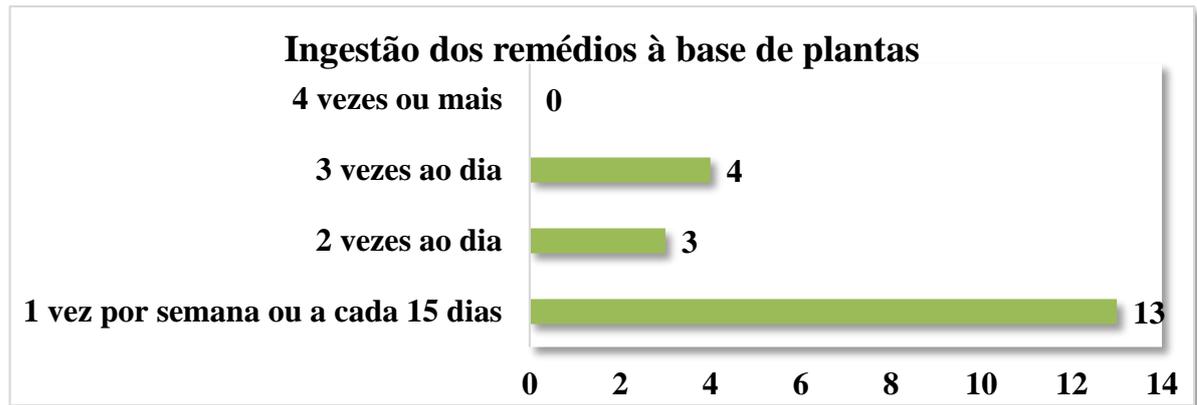


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa etnobotânica realizada por Barroso et al. (2022), em que os entrevistados afirmam fazer uso dos remédios à base de plantas apenas quando estavam doentes.

De acordo com grande parte das famílias entrevistadas, fazer a ingestão de preparações específicas do remédio em jejum contribui para melhores resultados, sendo indicado pelos mesmos, preparações mais concentradas com intervalo mais longo entre uma dose e outra prevenindo dessa forma, o organismo de danos futuros causados pelo uso excessivo das substâncias presentes na planta (Figura 6).

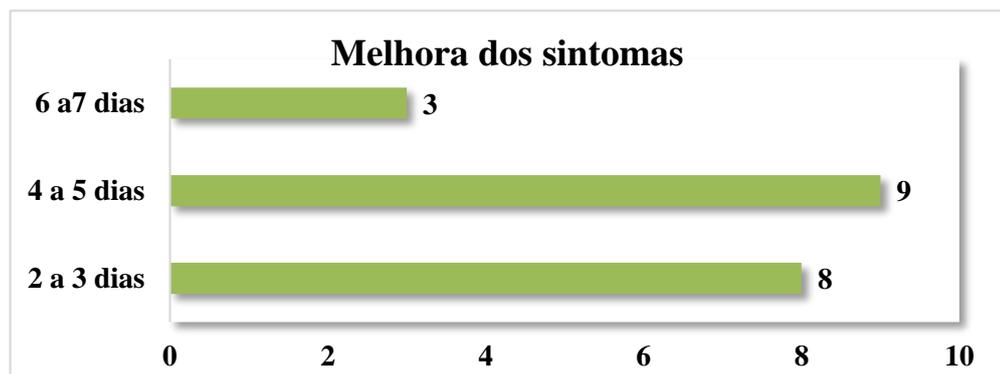
Figura 6: Frequência com que os moradores do assentamento Celso Furtado, Areia – PB, faziam a ingestão dos remédios à base de plantas para tratar a doença.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com relação ao tempo estimado do uso do remédio à base de plantas até a percepção da melhora dos sintomas (figura 7), houve uma variação quanto as informações de cada entrevistado, isso devido ao fato de o organismo de cada indivíduo, ter o seu tempo de resposta determinado de acordo com o tratamento realizado. Dentre os sintomas relatados, houve melhoras quanto a ânsia de vômito, diminuição de idas ao banheiro, flatulências, dor de cólicas e melhora no apetite.

Figura 7: Avaliação quanto à melhora dos sintomas da doença durante o tratamento com plantas medicinais para amebíase, realizado pelos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia - PB.



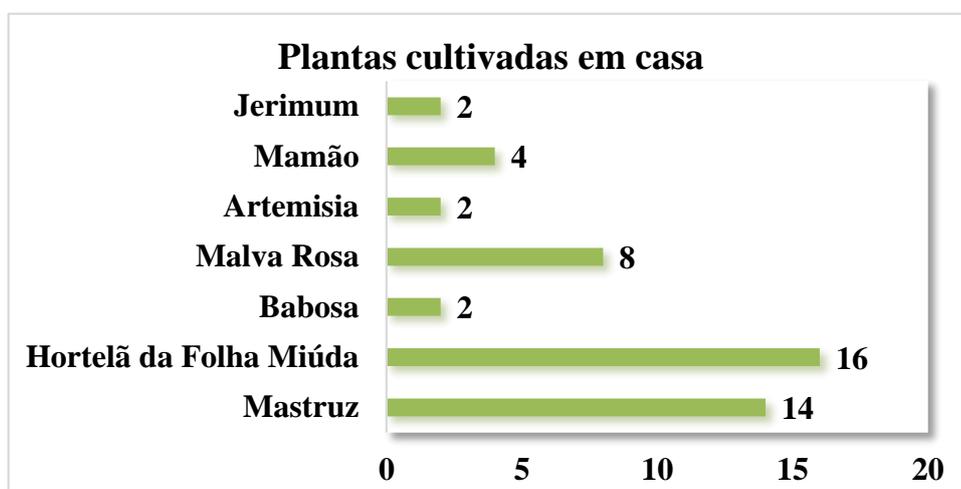
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Pelo fato de os remédios à base de plantas proporcionarem mais conforto e diminuir a probabilidade da ocorrência de efeitos colaterais, torna-se uma opção mais requisitada pela população na cura de doenças. Porém, é importante ressaltar que a administração correta dos medicamentos caseiros utilizados como opção de tratamento de doenças é de extrema

importância, pois as plantas possuem propriedades químicas que podem trazer riscos à saúde caso administrado de forma errônea (Leite e Marinho, 2014; Ribeiro et al., 2016).

Apesar de os moradores do assentamento Celso Furtado utilizarem plantas medicinais, apenas 14 famílias as cultivam em sua própria residência. Um dos principais motivos que os levam a essa realidade, é o limitado acesso à água que dificulta inclusive a diversificação de espécies em suas residências.

Figura 8: Plantas medicinais cultivadas nas residências dos moradores do assentamento Celso Furtado, Areia - PB, para utilizar de forma alimentícia e medicinal.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nos trabalhos realizados por Calábria et al. (2008) e Lima, Magalhães e Santos (2011), é discutido o saber popular das mulheres, reforçando a participação ativa das mesmas nas atividades agrícolas e no cultivo de plantas medicinais, as levando a cultivá-las no próprio quintal de casa. De acordo com Leite e Oliveira (2012), cultivar plantas medicinais na própria residência garante a qualidade do produto vegetal, especialmente pelo uso de práticas agroecológicas, o que garante um produto final livre de contaminantes químicos e produzidos de forma sustentável.

Por fim, todos os entrevistados manifestaram o interesse em receber mais informações a respeito do uso seguro das plantas medicinais e o seu poder curativo, o que demonstra a necessidade de ações educativas relacionadas ao tema, como forma de promover o uso seguro e racional das plantas medicinais.

3.2 Ações de retorno à comunidade

Atendendo ao resultado positivo sobre o interesse dos moradores em receber informações a respeito do uso seguro e racional de plantas medicinais, posteriormente foi entregue uma cartilha contendo alguns resultados da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de amebíase e informações sobre a forma de preparo, indicação terapêutica e utilização das principais plantas mencionadas, (CRF-SP, 2012; Brasil, 2021; Brasil, 2018; Baracuhy et al., 2016; Silva, 2021).

Como forma de estimular o interesse no uso de plantas medicinais e agradecer à comunidade pela participação na pesquisa, também foi entregue um brinde composto de um recipiente plástico contendo açafrão em pó (Figura 9). A escolha dessa espécie se deu devido a facilidade de acesso, aceitação popular e indicação na literatura etnobotânica como auxiliar nas afecções inflamatórias (Haddad; Sauvian e Deharo, 2011; Pereira et al., 2014; Rangel-Castañeda et al., 2019; Santos et al., 2022).

Figura 9: Recipiente plástico contendo açafrão em pó entregue às famílias do assentamento Celso Furtado, Areia – PB, que participaram das entrevistas.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Figura 10: Cartilha contendo informações da pesquisa etnobotânica e indicações sobre o uso seguro de plantas medicinais no tratamento e prevenção de amebíase, citadas pelas famílias do assentamento Celso Furtado, Areia - PB.

AOS MORADORES DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO, AREIA – PB.	RESULTADOS OBTIDOS
<p style="text-align: center;">Plantas Mediciniais</p> <p>São espécies vegetais, cultivada ou não, utilizada na alimentação e para fins terapêuticos.</p> 	<p>Resultado da pesquisa <u>etnobotânica</u> realizada no assentamento Celso Furtado, Areia – PB, sobre a utilização de plantas medicinais no tratamento e prevenção de amebíase.</p> <p>Dentre as plantas medicinais mais utilizadas no tratamento de amebíase pelas famílias do assentamento Celso Furtado, Areia – PB a hortelã da folha miúda e o mastruz foram as plantas mais citadas no decorrer da pesquisa.</p>
<p style="text-align: center;">CÚRCUMA</p> <p>Nome científico: <i>Cúrcuma longa</i> Indicação: Anti-inflamatório. Parte utilizada: Rizomas. Forma de preparo: Decocção: utilizar 1,5g a 3 colheres de café em 150 ml ou 1 xícara de água. Forma de utilização: Tomar 1 xícara de chá 2 vezes ao dia. Via: oral. Uso: adulto.</p> 	<p style="text-align: center;">HORTELÃ PIMENTA</p> <p>Nome científico: <i>Mentha x piperita L.</i> Indicação: vermífugo, antiparasitário, digestivo e antiflatulento. Parte utilizada: Folhas Forma de preparo: Infusão: 1,5 g ou 3 colheres de café das folhas para 150 ml ou uma xícara de chá. Forma de utilização: Tomar 1 xícara de chá, 2 a 4 vezes ao dia. Via: ora. Uso: adulto</p> 

MASTRUZ

Nome científico: *Chenopodium ambrosioides L.*

Indicação: vermífuga, anti-helmíntica e antimicrobiana.

Parte utilizada: folhas.

Forma de preparo: retirar o sumo de 20 folhas frescas e misturar a 100 ml de leite, mel de abelhas ou suco de laranja.

Forma de utilização: Ingerir de uma vez ao dia e repetir o procedimento após dez dias.

Via: Oral.

Uso: Adulto.



ALHO

Nome científico: *Alium sativum L.*

Indicação: Antibacteriano.

Parte utilizada: Bulbo.

Forma de preparo: triturar, macerar, cozir ou cortar em fatias finas.

Forma de utilização: Para prevenir a intoxicação hepática, deve ser ingerido durante o tratamento, acompanhado de sucos ricos em vitamina C, como acerola, laranja, goiaba, e caju.

Via: Oral.

Uso: Adulto.



REFERÊNCIAS

CRF-SP. **Plantas medicinais e fitoterápicos.** São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2012.

BARACUHY, J. G. de V. et al. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil.** Campina Grande, 2016.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos Farmacopeia Brasileira.** Brasília: Anvisa, 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos.** Brasília: Anvisa, 2021.

SILVA, J. F. da. **Levantamento de plantas medicinais para o tratamento de parasitoses intestinais: uma revisão da literatura.** P.53, 2021.

AGROECOLOGIA – UEPB LAGOA SECA - PB

É importante destacar que um direcionamento profissional deve ser considerado pois, algumas espécies possuem um alto nível de toxicidade podendo acarretar sérios problemas a saúde, caso utilizada de forma excessiva e até mesmo, de forma errônea.

Orientadora: Camila Firmino de Azevedo

Orientanda: Regina Coeli Elias Rodrigues

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as plantas medicinais mais utilizadas no tratamento de amebíase pelos moradores do assentamento Celso Furtado, a hortelã-da-folha-miúda (*Mentha piperita*) e o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) foram responsáveis por proporcionar melhoras quanto a ânsia de vômito, diminuição de idas ao banheiro, flatulências, dor de cólicas e melhora no apetite sendo assim como em outras regiões do Nordeste, as plantas mais citadas no decorrer da pesquisa, tendo a sua eficácia comprovada cientificamente para tratamento de verminoses e parasitoses. O que mostra a importância que essas plantas possuem no tratamento de amebíase. Dentro desse contexto, percebe-se que o reconhecimento da potencialidade medicinal das plantas e o conhecimento popular são de grande relevância para o surgimento de futuros estudos etnobotânicos, junto a ações educativas que possam promover um uso seguro e racional das plantas medicinais.

Como uma forma de estimular o uso de plantas medicinais e agradecer à comunidade pela participação na pesquisa, foi realizado um retorno à comunidade atendendo ao resultado positivo sobre o interesse dos moradores em receber informações a respeito do uso seguro e racional das plantas medicinais, onde foi entregue uma cartilha contendo alguns resultados da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de amebíase e informações sobre as principais plantas mencionadas. Junto a cartilha, foi entregue um brinde composto de um recipiente plástico contendo açafraão em pó. A escolha dessa espécie se deu devido a facilidade de acesso, aceitação popular e indicação na literatura etnobotânica como anti-inflamatório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AESA. **Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba**. João Pessoa, 2011. Disponível em: <http://geo.aesa.pb.gov.br>. Acesso em: 21 de junho 2024.

ACÁCIO, R. S. et al. Avaliação da atividade antioxidante do extrato etanólico de *Melochia tomentosa* Linnaeus (1735). **Diversitas Journal**, v. 3, n. 2, p. 412-428, 2018.

ALMEIDA, F. S.; SILVA, R. C.; MEDEIROS, J. dos S. Ocorrência de helmintos e protozoários intestinais em idosos. **Journal of Biology, Pharmacy and Agricultural Management**, v. 10, n. 2, p. 78-82, 2014.

ALMEIDA, M. Z. de. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf> Acesso em: 20 abr. 2024.

ALVES, R. R. N.; SILVA, C. C.; ALVES, H. N. Aspectos sócio-econômicos do comércio de plantas e animais medicinais em áreas metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. v.8, n.1, p.181-189, 2008.

AMARAL, F. M. M. et al. Plants and chemical constituents with giardicidal activity. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. n.16, p.696-720, 2006.

ANDRADE, I. G. C. de. et al. Etnofarmacologia e etnobotânica de plantas medicinais com ação antiparasitária. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, v. 1, n. 1, p. 1 - 156, 2018.

ANDRADE, N. D de. et al. Uso das plantas medicinais para fins terapêuticos por estudantes do Ensino Médio. **Research, Society And Development**, v. 10, n. 4, p. 1-11, 2021.

BAHMANI, M. et al. The most common herbal medicines affecting Sarcomastigophora branches: a review study. **Asian Pacific journal of tropical medicine**, v.7, p. S14-S21, 2014.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P. G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro-Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, p. 632-638, 2013.

BATISTA, L. A. et al. Levantamento de plantas medicinais utilizadas contra parasitoses e verminoses intestinais no município de Atalaia do Norte - AM. **Biota Amazônia**, v. 9, n. 2, p. 35-39, 2019.

BARBOSA JÚNIOR, A. **Guia prático de ervas medicinais**. São Paulo: Universo dos Livros, 2005.

BARACUHY, J. G. de V. et al. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do d45r**. Campina Grande, 2016.

BARROSO, V. S. F. et al. Uso de plantas medicinais para tratamento respiratório por graduandos do curso de Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba. **Cadernos de Agroecologia**, v. 17, n. 2, 2022.

BELIZÁRIO, T.; SILVA, L. Abordagem etnobotânica no tratamento de parasitoses em comércios de fitoterápicos e numa comunidade rural em Uberlândia- MG. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 8, n. 15, p. 1730-1739, 2012.

BIBI, T. et al. Ethnomedicinal uses of plants in the treatment of paediatric geohelminth infections in Kalat district of Northern Balochistan, Pakistan. **Journal of ethnopharmacology**, v. 183, p. 176-186, 2016.

BOCHNER, R. et al. Problems associated with the use of medicinal plants commercialized in; Mercado de Madureira, Rio de Janeiro City, Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, p. 537-547, 2012.

BORGES, R. M; MOREIRA, R. P. de M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais no município de Confresa Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 15, n. 3, 2016.

BRAGA, J. C. B.; SILVA, L. R. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**. v. 4, n. 1, p. 3831-3839, 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Memento fitoterápico da farmacopeia brasileira**. Brasília: Anvisa, 2016.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos Farmacopeia Brasileira**. Brasília: Anvisa, 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos**. Brasília: Anvisa, 2021.

CALÁBRIA, L. et al. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CAMARGO, M. T. L. A.; SCAVONE, O. Plantas usadas como anti-helmíntico na medicina popular. **Ciência & Trópico**, v. 6, n. 1, 1978. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/190>. Acesso em: 2 jun. 2024.

CAVALCANTE, F. G. Modelagem Computacional de Ressalto Hidráulico em Canal Urbano. **Revista DAE**, v. 67, n. 218, p. 130, 2019.

CORDEIRO, T. G. P.; MACEDO, H. W. Amebíase. **Revista de Patologia Tropical**, v. 36, n. 2, p. 119-128, 2007.

COSTA, K. C. da S. et al. Medicinal plants with teratogenic potential: current considerations. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, v.48, n.3, p.427-433, 2012.

CRF-SP. **Plantas medicinais e fitoterápicos**. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2012.

DINIZ, A. K. M. F. et al. Manual sobre o uso de plantas medicinais do Nordeste para sintomas gripais e ansiedade em tempos de pandemia pela COVID 19. **Revista Saúde & Ciência Online**, v. 9, n. 1, p. 25-195, 2020.

EDRISSIAN, G. H. et al. History of medical parasitology and parasitic infections in Iran. **Archives of Iranian Medicine**, v. 19, ed. 8, p. 601-607, 2016.

EMBRAPA (Rondônia). **Arruda**. 2001. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/100482/1/Folder-arruda.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

EVERTON, G. O. et al. Atividade antioxidante e antimicrobiana das folhas e frutos de *Citrus limon* (L.) Burn (limão siciliano). **Revista Cubana de Plantas Medicinais**, v. 23, n. 4, 2018.

FRANCISCO, P. R. M. **Classificação e mapeamento das terras para mecanização do Estado da Paraíba utilizando sistemas de informações geográficas**. 122f. Dissertação

(Mestrado em Manejo de Solo e Água). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal da Paraíba. Areia, 2010.

FRANCISCO, et al. **Variabilidade espaço-temporal das precipitações anuais do período úmido e seco no Estado da Paraíba**. In: Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia. CONTECC. Anais Fortaleza, 2015.

FERREIRA, K. de M. **Estudo etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população de Riachinho**. Araguaína - Tocantins, 2023.

FONTES, D. J.; COELHO, V. A. T.; GOMES, F. T. Uso de plantas medicinais pelos moradores da comunidade de Conceição de Ibitipoca, MG. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre. v. 5, n. 1, p. 237-239, 2007.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v.24, n.2, p.396-406, 2010.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do cerrado do Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botânica Brasílica**, v.17, p.561-584, 2003.

GUEDES, A. P.; FRANKLIN, G; FERREIRA, M. F. 2012. Hypericum sp.: essential oil composition and biologic activities. **Phytochemistry Reviews**, v.11, p. 127-152, 2012.

HADDAD, M.; SAUVAIN, M.; DEHARO, E. Curcuma as a parasiticidal agent: a review. **Planta Médica**, v. 77, n. 06, p. 672-678, 2011.

JERÔNIMO, R. E. O. et al. Conhecimento e uso de plantas medicinais por agricultores do Polo da Borborema, Paraíba. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

LAMEIRA, A. P. do N. et al. Principais Doenças Humanas Tratadas por Plantas Medicinais de Uso Popular. In: **Embrapa Amazônia Oriental**, cap. 6, p. 109-119, 2008.

LEITE, C. V.; OLIVEIRA, G. L. Plantas Medicinais Cultivadas e Utilizadas na Associação Casa de Ervas Barranco da Esperança e Vida (ACEBEV), Porteirinha, MG. **Revista Fitos**, v.7, n. 1, 2012.

LEITE, I. A.; MARINHO, M. das G. V. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidade indígena no município de Bahia da Traição- PB. **Biodiversidade**, v. 13, n. 1, p. 82-105, 2014.

LIMA, R. A.; MAGALHÃES, S. A.; SANTOS, M. R. A. dos. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**, v.10, n.2, p.165-179, 2011.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: São Paulo, 2021.

MACIEL, K. C. et al. Determinação da atividade antiparasitária de plantas medicinais frente a parasitas gastrointestinais. **Journal Archives of Health**, v. 2, n. 5, p. 1405-1415, 2021.

MACHADO, H. L. et al. Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede Fito Cerrado: uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.16, n.3, p.527-533, 2014.

MEDEIROS, A. C. de. **Ocorrência de protozoários intestinais no município de Patos - Paraíba**. 2014. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Farmácia, Departamento de Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/877>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MELO, C. R. et al. O uso de plantas medicinais para doenças parasitárias. **Acta Brasiliensis**, v.1. p. 28-32, 2017.

MESSIAS, M. C. T. B. et al. Popular use of medicinal plants and the socioeconomic profile of the users: a study in the urban area of Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.17, n.1, p.76-104, 2015.

MOSCA, V. P; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 4, p. 225-234, 2009.

NOGUEIRA, Lyvia Guarize. **Senna macranthera**: constituição química e atividades biológicas. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3963/1/lyviaguarizenogueira.pdf> Acesso em: 20 abr. 2024.

OLIVEIRA, L. S. S. et al. Erva de Santa Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.): Aplicações clínicas e formas tóxicas. **Jornal Brasileiro de Ciência Animal**, v. 7, n. 13, p. 464-499. 2014.

PANDA, S. K.; LUYTEN, W. Antiparasitic activity in Asteraceae with special attention to ethnobotanical use by the tribes of Odisha, India. **Parasite**, v. 25, 2018.

PASA, Maria Corette. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n.31, p.169-197, 2011.

PEREIRA, A. M. S. et al. **Formulário fitoterápico farmácia da natureza**. 2. ed. Ribeirão Preto - Bertolucci. p.407, 2014.

PINHEIRO, S. M. B. **Determinação da Prevalência e Variabilidade Genética de *Entamoeba Histolytica* e *Entamoeba Dispar* em Habitantes de Pernambuco**. Recife, 2003.

PUERTAS-MEJÍA, A. M.; GALLEGO, L. J. T.; ARANGO, V. *Kalanchoe daigremontiana* Raym.-Hamet. & H. and its potential use as a source of natural antioxidants and colorants. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, Havana, v. 19, n. 1, p.61-68, jan./mar. 2014. Disponível em: < <http://scielo.sld.cu/pdf/pla/v19n1/pla08114.pdf> > . Acesso em: 25 abr.. 2024.

QUEIROZ, M. S. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica. **Revista de saúde pública**, v. 20, n. 4, p. 309-317, 1986.

RANGEL-CASTAÑEDA, I. A. et al. Curcumin attenuates the pathogenicity of *Entamoeba histolytica* by regulating the expression of virulence factors in an Ex-Vivo model Infection. **Pathogens**, v. 8, n. 3, p. 127, 2019.

RIBEIRO, C. M. et al. Conhecimento popular sobre tratamentos alternativos com plantas medicinais para infecções parasitárias em Aracaju- Sergipe. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 16, n. 2, p. 7-14, 2016.

RODRIGUES, V. V. **Efeitos anti-hipertensivos da *Alpinia Zerumbet* (Colônia): uma revisão da literatura.** 2022. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia). Instituto de Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SANTOS, T. M. et al. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. v.18, n.1, p.240-247, 2016.

SANTOS, T. W. M.; BARBOZA, M. L. B. M.; CAVALCANTI, M. L. F. Importância do cajueiro roxo (*Anacardium occidentale L.*) para as abelhas e na etnomedicina da Paraíba. **Open Minds International Journal**. vol. 3, n. 3: p. 35-50, 2022.

SANTOS, D. R. V. dos et al. Plants and intestinal parasitosis: a review on ethnopharmacological use by the Kantaruré-Batida indigenous community of Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 21, n. 3, 2022.

SILVA, J. F. da. **Levantamento de plantas medicinais para o tratamento de parasitoses intestinais:** uma revisão da literatura. P. 53, 2021.

SILVA, R. da.; SANTOS, C. B. dos. Levantamento das plantas medicinais utilizadas contra parasitoses intestinais no município de Santana do Ipanema/AL. **Diversitas Journal**, v. 7, n. 2, 2022.

SOUZA, B. A.; SILVA, M. S. Associação de plantas medicinais empregadas nas afecções do trato respiratório. **Natural Resources**, v. 3, n. 2, p.35, 2013.

SOUZA, C. S. et al. Amebíase no contexto da emergência: análise do perfil de internações e morbimortalidade nos Estados brasileiros em 5 anos. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, v. 17, n. 2, p. 66-70, 2019.

TELES, N. S. B. et al. Evaluation of the therapeutic efficacy of *Mentha crisper* in the treatment of giardiasis. **Contemporary Clinical Trials**. n.32, p.809–813, 2011.

TOLEDO, V. M.; BASSOLS, N. B. A etnoecologia: uma ciência pós- normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e meio ambiente**, n.20, p.31-45, 2009.

VIDAL, F. et al. *Giardia lamblia*: The effects of extracts and fractions from *Mentha x piperita* Lin. (Lamiaceae) on trophozoites. **Experimental Parasitology**, v. 115, p.25-31, 2007.

VISSER, S. et al. Estudo da associação entre fatores socioambientais e prevalência de parasitose intestinal em área periférica da cidade de Manaus (AM, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, ed. 8, p. 3481-3492, 2011.

WERKMAN, C. et al. Aplicações terapêuticas da Punica granatum L.(romã). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 10, n. 3, p. 104-111, 2008.

ANEXO I

Quadro 2: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), apresentado aos moradores do assentamento Celso Furtado a fim de obter autorização para as entrevistas.

CONSENTIMENTO PRÉVIO	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	
<p>Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu,, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa “Uso de plantas medicinais por usuários do assentamento Lagoa de Barro no município de Areia – PB”.</p> <p>Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O trabalho terá como objetivo avaliar a utilização de plantas medicinais para o tratamento de ameba pelos usuários do assentamento Celso Furtado localizado no município de Areia-PB. - Ao voluntário só caberá a autorização para responder ao questionário e não haverá nenhum risco ou desconforto. - Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico ou outros profissionais de saúde, indivíduo e/ou familiares, se assim o desejarem. - Não haverá utilização de nenhum indivíduo como grupo placebo, visto não haver procedimento terapêutico neste trabalho científico. - voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. - Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da instituição responsável. - Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar a equipe científica no número (83) 996986584. - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse. - Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido. 	
Assinatura do pesquisador (a) responsável	Assinatura do participante da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

AGRADECIMENTOS

O meu imenso agradecimento à Professora Camila Firmino de Azevedo por ser um exemplo de profissional competente que ama o que faz, pela sua colaboração, paciência e direcionamento no decorrer da pesquisa e no desenvolvimento do meu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso. Ao professor Suenildo José da Costa por todo o auxílio e incentivo na busca dessa conquista. A professora Élide Barbosa Corrêa por ser uma profissional comprometida, eficiente e atenciosa em seu tratamento com os alunos (as) e, por sempre ressaltar o potencial, comprometimento e dedicação que enxerga em mim. Aos professores Leandro Oliveira de Andrade e Fábio Agra de Medeiros Nápoles por serem incríveis enquanto professores e seres humanos, pela generosidade e capacidade de desenvolver aulas dinâmicas, criativas e prazerosas. A Universidade Estadual da Paraíba UEPB – Campus II por ter sido a minha segunda casa por todos esses anos. Agradeço aos moradores do assentamento Celso Furtado que se disponibilizaram a participar da pesquisa etnobotânica em especial, aos meus grandes amigos Dona Lindalva e Seu Manoel Jair por toda a ajuda. Aos meus pais Maria Nazaré Elias Rodrigues e Nelson de Souza Rodrigues, ao meu esposo João Paulo da Costa Silva por todo o apoio e companheirismo e aos amigos Matthaheus de Oliveira Pereira, Rosângela Pereira Gonçalves, José do Carmo Marinho e Elivânea Alves dos Santos pela parceria, carinho e todo o apoio. Por fim, agradeço a todos os envolvidos de forma direta e indireta no decorrer de toda essa trajetória.